
Arqueologia de ecos: as relações Pessoa-Campos-Whitman em “Saudação a Álvaro de Campos”, de Raquel Nobre Guerra

*Archaeology of echoes: the Pessoa-Campos-Whitman
relations in “Saudação a Álvaro de Campos”, by Raquel
Nobre Guerra*

Jorge Miranda

Universidade Federal de Minas Gerais

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n52a1295>

RESUMO

Este artigo analisa o poema “Saudação a Álvaro de Campos”, da poeta portuguesa Raquel Nobre Guerra, com o objetivo de identificar e discutir os diálogos estabelecidos entre essa poeta e o binômio Fernando Pessoa-Álvaro de Campos, e entre esses e o poeta modernista estadunidense Walt Whitman. A leitura sobre as relações poéticas entre Pessoa, Campos e Whitman conduz Raquel Nobre Guerra a uma reflexão acerca de qual é o seu próprio lugar, na contemporaneidade, dentro desse panorama atravessado por diferentes concepções de tradição, legado e filiação. Nesse âmbito, além do poema, são incluídas, nesta análise, anotações feitas por Fernando Pessoa, hoje dotadas de valor arquivístico e documental, evidenciando seu percurso de contato, afastamento e redirecionamento da poética de Walt Whitman dentro de suas obras ortônima e heterônima.

PALAVRAS-CHAVE: Raquel Nobre Guerra; Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; Walt Whitman; Tradição.

ABSTRACT

This article analyzes the poem “Saudação a Álvaro de Campos”, by the Portuguese poet Raquel Nobre Guerra, with the aim of identifying and discussing the dialogues established between this poet and the binomial Fernando Pessoa-Álvaro de Campos, and between these and the American modernist poet Walt Whitman. Her reading about the poetic relationships between Pessoa, Campos and Whitman leads Raquel Nobre Guerra to reflect about her own place, in contemporary times, within this panorama crossed by different conceptions of tradition, legacy and affiliation. In this context, as well as the poem, this analysis includes notes made by Fernando Pessoa, which today have archival and documentary value, showing his path of contact, distancing and redirecting Walt Whitman’s poetics within his orthonymous and heteronymous works.

KEYWORDS: Raquel Nobre Guerra; Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; Walt Whitman; Tradition.

T.S. Eliot (1989), em seu famoso ensaio “Tradição e talento individual”, afirma que, por não poder ser simplesmente herdada, a tradição deve ser conquistada por meio de um grande esforço. O que o ensaísta e poeta inglês não considera – mais por estar concentrado na defesa de seu ponto de vista do que por uma ingenuidade acrítica – é que tal esforço empregado nem sempre objetiva a adesão a essa tradição, a ponto de gerar, como resultado, a inclusão de um poeta dentro dela. Muitas vezes, sobretudo a partir da pós-modernidade, esse *tour de force* pretende alcançar a tradição para relê-la, em uma espécie de tentativa de compreensão de seu sentido ou relevância junto ao contexto de quem, de uma perspectiva eliotiana, esforça-se para, ao menos, tocá-la. Nesse jogo de construir e pertencer a uma tradição, as linhagens poéticas, por muito tempo, configuraram-se como a principal engrenagem desse mecanismo. No entanto, ao tentar ser incluído ou, ao contrário, dessacralizar para reposicionar uma linha de autoridades poéticas instituídas, uma certa exigência se manifesta como uma das alfândegas desse percurso: ao eleger seu

paradigma dentro da tradição, comparecem atrelados a ele o eco de quase todos os precursores e sucessores dele, reivindicando a parte que lhes cabe. Como em uma cesta de romances, puxa-se um fio que traz consigo outros e, ao poeta que se lança nessa empreitada, resta o trabalho de transformar esse fio de Ariadne em uma trama na qual se reconheça.

O objetivo deste artigo é analisar os ecos da presença de Fernando Pessoa, de seu heterônimo Álvaro de Campos e de Walt Whitman, além da relação entre eles, a partir das evocações nominiais realizadas no poema “Saudação a Álvaro de Campos”, da poeta portuguesa contemporânea Raquel Nobre Guerra. Mediante a leitura comentada de trechos do poema, aliada a uma pesquisa documental e arquivística dos poetas mencionados, pretende-se debater o jogo de manutenção e releitura de uma tradição poética, observando as formas como ela é interpretada, sentida e projetada no poema.

É evidente e explícito o diálogo que o poema de Raquel Nobre Guerra estabelece com “Saudação a Walt Whitman”, de Álvaro de Campos. Datável de 1915 e deixado incompleto pelo autor, não sendo preparado em vida assim como foram “Ode Triunfal” e “Ode Marítima”, “Saudação a Walt Whitman” demanda uma escolha frente às versões e variações propostas pelos editores e pesquisadores da obra de Pessoa e seus heterônimos. Na organização crítica e editorial de Teresa Rita Lopes, “Saudação a Walt Whitman” é um poema composto por 20 segmentos, além de 8 fragmentos classificados pela pesquisadora como “esboços” (Pessoa, 2002, p. 34). Já para Jerónimo Pizarro, o poema de Álvaro de Campos possui 19 segmentos, sendo 12 deles de 1915 (Pessoa, 2017, p. 70) – embora ressalte que considera a edição proposta em 2017 por Filipa de Freitas (na qual o próprio Pizarro colaborou, juntamente com Antonio Cardiello) como a mais próxima dos esquemas que Fernando Pessoa planejou para a “Saudação a Walt Whitman” caso a tivesse concluído. No entan-

to, analisando a extensão do poema de Raquel Nobre Guerra, assim como determinados trechos com os quais a poeta realiza algum tipo de referência ou jogo intertextual, infere-se que a edição de “Saudação a Walt Whitman” selecionada para o diálogo estabelecido não é a de Teresa Rita Lopes, Jerónimo Pizarro ou Filipa de Freitas, mas sim a editada por João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor em 1944, em uma versão comumente conhecida como “a edição da Ática”, em alusão à editora pela qual esse poema, assim como a poesia de Álvaro de Campos, foi publicado. O poema “Saudação a Walt Whitman”, em sua versão identificada como “[a]” presente no site *Arquivo Pessoa* (a qual também é coligida por Teresa Rita Lopes em *Álvaro de Campos – Livro de Versos*, publicado em 1993), termina com os versos “Tu célebre, tu temerário, tu o Walt – e o [...], / Tu a [sensualidade porto?] / Eu a sensualidade com [...] / Tu a inteligência [...]” (Pessoa, [20--]). Tal versão, contudo, a partir do verso “Infinito! Universo! Meta sem meta! Que importa?”, passa a diferir significativamente da edição do poema apresentada por João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor – enquanto a “Saudação” de Raquel Nobre Guerra acompanha, não só na extensão textual (número aproximadamente equivalente de versos e de estrofes, aliado à organização formal delas) como também na menção a versos, nomes e imagens, a versão da edição da Ática. Logo, considerando esses fatores, se a própria materialidade do poema de Raquel Nobre Guerra aponta para uma possibilidade de cotejamento entre “Saudação a Álvaro de Campos” e a edição de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor mais do que a de Teresa Rita Lopes e outras, opta-se e define-se, nesta análise, como sendo a edição do poema “Saudação a Walt Whitman” publicada pela Ática a versão aqui utilizada como referência.

Indubitavelmente, dentre as referências literárias evocadas por Raquel Nobre Guerra em seu poema, a principal e mais importante é Álvaro de Campos. Heterônimo a quem Pessoa atribuiu “toda a

emoção que não dou nem a mim nem à vida” (Pessoa, 1986, p. 199), Álvaro de Campos se conecta, em um vínculo poético-afetivo muito forte, ao poeta estadunidense Walt Whitman (1819-1892), a segunda referência literária mais relevante na relação intertextual entre as duas “Saudações”. Contando desde o título, Walt Whitman é oito vezes evocado nominalmente por Álvaro de Campos: “Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo” (Pessoa, 1978, p. 204) e “Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!” (Pessoa, 1978, p. 206) são algumas dessas demonstrações de admiração que o heterônimo pessoano expressa a Whitman. Perante a grandiosidade do poeta estadunidense, Campos realiza sua saudação aproximando afetivamente Whitman a si: tratá-lo como “irmão” (Pessoa, 1978, p. 204) e “camarada” (Pessoa, 1978, p. 206), após exaltá-lo como “Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos absolutos [...] / Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos pinotes [...] / Grande democrata epidérmico, contágio a tudo em corpo e alma” (Pessoa, 1978, p. 205), é um desses recursos no qual a cordialidade e o respeito explicitam o movimento de se construir não uma hierarquia, mas uma igualdade. A estratégia de Álvaro de Campos é saudar Walt Whitman justamente por esse poeta ser tão notório quanto ele próprio, o heterônimo, pretende-se ser. Ao se colocarem “de mãos dadas, dançando o universo na alma” (Pessoa, 1978, p. 205), ou seja, seguindo juntos uma trajetória que Campos simultânea e inseparavelmente esboça para si e para Whitman (a quem o sujeito poético já trata por “Tu”), o heterônimo pessoano engendra a sua filiação a uma tradição poética de modo a não ser nem fonte, nem herdeiro, nem influência. Sua posição nesse *continuum* reivindicado é por ele próprio assim definida: “Não sou teu discípulo, não sou teu amigo, não sou teu cantor, / Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!” (Pessoa, 1978, p. 207). Ou seja, saudar Walt Whitman é vincular-se tão fortemente a um poeta de referência até que se transforme o homenageador na coisa homena-

geada, e ambos passem a se equivaler (segundo Álvaro de Campos) em relevância dentro da tradição que, agora, ambos comungam.

A relação entre Fernando Pessoa e Walt Whitman, por sua vez, é menos linear e harmônica do que a relação que Fernando Pessoa projeta para Walt Whitman e Álvaro de Campos. Em “Nota à margem de não haver ainda Portugal”, escrito com data atribuída por volta de 1917, ao abordar as características propostas para o Dinamismo (“eliminação da Personalidade, pela supressão das emoções puramente pessoais na arte”; “abolição da Individualidade, pela supressão do subjectivismo propriamente dicto” e “abolição da continuidade temporal, por uma atenção (...) ao mero facto da sua passagem por esse tempo”) (Pessoa, 2009, p. 241), Pessoa nomeia aquele que reúne em sua obra as características dinamistas: “Exemplo de um Dynamista: Walt Whitman.” (Pessoa, 2009, p. 241). No entanto, em outro momento de leitura da poesia whitmaniana, em especial sobre os aspectos formais típicos de sua poética, as considerações de Fernando Pessoa apresentam outro tom:

a 1ª coisa a notar em Whitman é que é um poeta que não escreve em verso. Não dizemos isto por ironia, significando que os versos d’elle são maus. Empregamos uma phrase exacta. Tampouco escreve Whitman em prosa. É n’uma coisa sem rima nem *rhythmo*, mas em linhas como versos. Realmente são trechos de prosa cortada, versículos. Mas isto não dá uma idéa exacta¹ (Bothe, 2013, p. 300).

¹ No manuscrito, acima da palavra “exacta”, Pessoa escreve a palavra “precisa” (Cf. fac-símile que consta no site *Modernismo: Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*. O original se encontra arquivado na Biblioteca Nacional de Portugal sob o registro BNP/E3, 14E – 58).

Curiosamente, ainda que Pessoa estranhe ou se posicione de modo reticente ao estilo whitmaniano, avaliado pelo poeta português como algo sem rima nem ritmo, em tudo dessemelhante a uma concepção mais tradicional acerca do verso – características que, por sinal, fizeram a obra de Whitman, sobretudo *Folhas na relva*, ser tão mal recepcionada, inclusive ridicularizada –, serão essa forma e essa dicção poética que Pessoa enxergará como ideais para a velocidade sensacionista da escrita num jacto, sem interrupção nem emenda, da poesia de Álvaro de Campos.

Há de se considerar também, ainda a partir da reflexão pessoana anterior, uma certa distância formal do fazer poético de Fernando Pessoa, o ortônimo, (sobretudo aquele de *Mensagem*) com os traços mais prototípicos da poética de Walt Whitman. No entanto, isso não se configurou como um impedimento para que Pessoa fosse um leitor da obra whitmaniana. Em um de seus numerosos cadernos de anotações, hoje estudado, catalogado e comumente designado como *O caderno 20* ou *O caderno das Visões*, datado de 1908, Pessoa escreveu diversos poemas em língua inglesa. Um deles é “Sunrise on Lisbon”, sobre o qual o pesquisador, poeta e tradutor Patricio Ferrari se detém em uma análise investigativa, cujas conclusões situam a elaboração de um lugar específico para Walt Whitman na obra de Fernando Pessoa:

datado de 23 de julho de 1908, ‘Sunrise on Lisbon’ é o testemunho de uma das primeiras influências de Walt Whitman na produção inglesa de Fernando Pessoa (cf. Ferrari, 2011, p. 37-40), embora o sujeito poético ainda não seja o *all-encompassing* eu lírico whitmaniano e Pessoa ainda não procure escrever, através de Álvaro de Campos, com o ritmo paragrafíco de Whitman (Ferrari, 2012, p. 196-201); de facto, ‘Sunrise on Lisbon’ está composto majoritariamente com tetrâmetros e pentâmetros jâmbicos, metros canônicos ingleses (short-line e long-line meters). Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa existem dois livros do poeta nor-

te-americano, *Poems by Walt Whitman* (1895) e *Leaves of Grass* (1909), sendo que o primeiro é uma curta selecção de *Leaves of Grass* adquirida por volta de 1907-1908. Terá sido da leitura desta antologia, particularmente dos extractos de ‘Song of Myself’, que viria a nascer ‘Sunrise on Lisbon’. Os versos ‘The sun lives in the melody / That this hand from his lips doth shake. / Read of the sunrise in his verse’ (144A2-13V) aludem, muito provavelmente, a um dos momentos iniciais de ‘Song of Myself’: ‘[...] the song of me rising from bed and meeting the sun.’ (1895, p. 123). Por último, assinale-se que embora o exemplar de *Poems by Walt Whitman* (1895) exhiba a assinatura e o carimbo de Alexander Search (heterônimo anglófono e epistolar concebido por Pessoa), ‘Sunrise on Lisbon’, escrito no período em que este autor fictício foi proprietário do livro, não tem indicação de atribuição (Ferrari *apud* Pizarro; Barreto, 2014, p. 124-125).

Infere-se, a partir da análise de Patricio Ferrari, que aquele Whitman que perpassou o jovem Pessoa sem, no entanto, enraizar-se definitivamente em sua poesia ortônima, foi retirado das estantes e das anotações pessoanas, encontrou-se com Alexander Search e foi apresentado a Álvaro de Campos para que este encontrasse em Whitman a referência poética necessária para que o drama a ser encenado poeticamente pelo heterônimo engenheiro fosse formalmente posto em prática. Uma evidência documental para essa hipótese é uma anotação manuscrita por Fernando Pessoa em 1914. Intitulada “Influências” – palavra hoje tão problemática –, tal anotação apresenta uma espécie de organização cronológica de poetas e movimentos literários aos quais Pessoa manifestou, consciente ou inconscientemente, alguma inclinação à elaboração de um diálogo, seja pela via do *auctoritas* – isto é, escritores e poetas elencados como autoridades –, seja pela via da aproximação, para enquadramento ou releitura, a um modelo ou a um projeto estético tomado como referência. Em meio aos poetas que influenciaram Pessoa (Milton, Byron, Shelley,

Poe, Baudelaire, Garrett, entre outros), ao grau de influência (“Restos de influências de subpoetas portugueses lidos na infância”, ou ainda “Ligeira influência também da escola de Pope”) e ao momento histórico/cronológico de ação dessas influências, não se encontra, no entanto, o nome de Walt Whitman. Esse documento, reproduzido por Jerónimo Pizarro na sua apresentação à obra *Saudação a Walt Whitman / Canto de Mim Mesmo*, publicada em 2017, integra originalmente um conjunto de anotações que o escritor Armando Côrtes-Rodrigues reuniu em 1914 sobre Fernando Pessoa, muitos deles fornecidos pelo próprio poeta. Atualmente, grande parte desses arquivos está na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (cf. Pessoa, 2017, p. 70).

Fig. 1 – “Influências”: anotação de Fernando Pessoa datada de 1914

— Influências —

1904-1905 = Influências de Milton e dos poetas ingleses da época romântica - Byron, Shelley, Keats e Parny. (Também, um pouco depois, e influenciando também o conteúdo, Edgar Poe.) ^(Em parte, Collyer) Ligeiras influências também da escola de Pope. (Restos de influências de sub-poetas portugueses lidos na infância. - A este período a ordem das influências foi, pouco mais ou menos: (1) Byron; (2) Milton e Pope e Byron; (3) Byron, Milton, Pope, Keats e ^{Jennyson} Collyer; (4) Milton, Keats, ^{Keats} e Shelley; (5) Shelley e Keats e Poe.

1905 (f.º) - 1908 - ~~Edgar Poe~~ (à na, vari), Baudelaire, Rollinat, Antunes, Junqueira (na parte anti-clerical), Cesário Verde, José Saramago, Henrique Rosa. Influências

1908-1909 - Garrett, António Correia d'Almeida, António Nobre.

1909-1911 - Os simbolistas franceses, Laureada Pessoa.

1912-1913 - ~~Os futuristas~~ (cartas de M. S. Camêlo)

1907
1908
1909
1910
1911
1912
1913

Fonte: Pessoa (2017, p. 70).

Se encontramos, assim, algum tipo de percurso no eco das relações Whitman-Pessoa-Campos, atentando-se para como Campos projetou Whitman em si e em seu poema, é possível, em um movimento similar e correlato, traçar essa linha/linhagem também a partir de Raquel Nobre Guerra. Quem é esse Álvaro de Campos que a poeta portuguesa contemporânea saúda? Inicialmente, é mais do que importante destacar o procedimento de substituição que Raquel Nobre Guerra realiza, retirando o nome de Walt Whitman para inserir o de Álvaro de Campos. Sua saudação é destinada a outro poeta, inclusive, porque, tal como evidencia a marcação espaço-temporal do início de seu poema, tanto Portugal quanto o tempo histórico também são outros: saúda-se de um “Portugal-Prometido” (Guerra, 2021, p. 115) um “Portugal emagrecido” (Guerra, 2021, p. 115) no dia “dezassete de Abril de dois mil e doze...” (Guerra, 2021, p. 115). A marcação de localização e data não parece gratuita: primeiro, porque inicia o procedimento intertextual com o poema “Saudação a Walt Whitman”. Esse pastiche, mais pela assimilação da forma do poema do que pelo estilo do poeta autor do poema-fonte, é uma elaboração formal do objetivo de Raquel Nobre Guerra: saúda-se Álvaro de Campos também pela aproximação estrutural entre os dois poemas, na qual o de 2012 evoca o de 1915. O poema é de Raquel Nobre Guerra; contudo, seus alicerces têm “Saudação a Walt Whitman” como fundamento. Ler a “Saudação” da poeta é se deparar, formalmente, com a “Saudação” do heterônimo, de modo que, por meio desse jogo intertextual, o poema escrito no séc. XXI se vincula ao seu precursor escrito no séc. XX. Segundo, porque determina o contexto no qual o sujeito poético fala. É desse local e desse tempo que uma mulher, portuguesa e poeta, olha para um poeta heteronímico do passado, dentre tantos outros, e o saúda. A partir dessa marcação geográfica e temporal, Raquel Nobre Guerra situa também o contexto de sua contemporaneidade, marcando o seu poema com os rastros desse embate agambeniano com as luzes e as trevas de seu tempo e, sobretudo, com as implicações que são geradas ao se evocar

Álvaro de Campos, replicar a forma de um dos seus poemas escrito há quase cem anos (no momento original de produção da “Saudação”, de 2012) e presentificá-lo, colocando-o em diálogo ou em rota de colisão com tudo aquilo que ocorreu quer seja antes dele, quer seja após.

Ainda que seja destacado no título, Álvaro de Campos é mencionado nominalmente apenas duas vezes no poema nobreguerreano. O pronome “tu” também é pouco empregado como elemento vocativo para se referir a Campos. Diferentemente do poeta-engenheiro, Raquel Nobre Guerra não evoca Álvaro de Campos por meio de vocativos compostos pela associação a outros poetas e escritores canônicos: termos exaltatórios – como “Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir máquinas, / Homero do insaisissable de flutuante carnal, / Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor, / Milton-Shelley do horizonte da Electricidade futura!” (Pessoa, 1978, p. 205) – não são elaborados pela poeta para se referir a Campos. Há, no entanto, apenas uma forma semelhante de menção ao heterônimo sensacionista: “Walt Álvaro” (Guerra, 2021, p. 115). A justaposição dos nomes próprios dos poetas produz um sintagma antroponímico estranhamente interessante. Embora semanticamente o nome não determine a coisa, sobretudo quando se trata de nomes próprios e seus referentes no mundo, a criação do nome “Walt Álvaro” opera uma forte aproximação entre a figura dos dois poetas, convertendo-os no “eu sou Tu” que o próprio Álvaro de Campos expressou em sua “Saudação”. Ressalta-se que Raquel Nobre Guerra não realiza essa fusão conciliando o nome de um poeta com o sobrenome de outro: não há “Walt de Campos” ou “Álvaro Whitman”, como se a forma de vinculação fosse similar às uniões familiares advindas do enlace matrimonial, por exemplo. Nenhum dos dois cede seu sobrenome ao peso do sobrenome do outro – nem poderiam, sobretudo se partirmos do pressuposto que a poeta também partilha da análise e compreensão que Álvaro de Campos, em sua “Saudação”, objetiva

equivaler-se a outro poeta de igual magnitude. Por essa perspectiva, entende-se que a força dessa justaposição está na presença dos primeiros nomes dos poetas, originando um nome de poeta duplamente forte, dado que reúne, em si, a potência de Walt Whitman e de Álvaro de Campos. No poema de Raquel Nobre Guerra, será justamente por meio desse novo antropônimo que o poeta estadunidense será apenas uma vez explicitamente mencionado.

Nesse momento do poema, Raquel Nobre Guerra se apresenta como um sujeito poético que, assim como Campos em relação a Whitman, coloca-se junto ao poeta saudado, acompanhando-o de mãos dadas. A primeira imagem simbólica de aproximação e de filiação poética, entretanto, não é composta por dois poetas que pareçam se equivaler: o eu nobreguerreano surge “desmoronando / junto a ti no que sinto, vindo silêncio na emoção de todas as línguas” (Guerra, 2021, p. 115). Tal representação de si, quando colocada ao lado do poeta saudado, é reiterada por uma ausência: diferentemente de Álvaro de Campos, em nenhum momento Raquel Nobre Guerra se autoneomeia no poema. Cabe à presença do pronome “eu” a função de se articular como um dispositivo de aproximação e de autoafirmação diante da figura do heterônimo: das nove vezes em que é empregado – mesma quantidade de ocorrências desse pronome na “Saudação” de Álvaro de Campos –, em quatro o “eu” emerge para saudar Campos, enquanto nas outras cinco apresenta-se, descreve-se ou caracteriza o seu entorno. Todavia, mesmo na menção a “Senhor Roubado”, região próxima a Odivelas, que também é o título de um dos livros da poeta, as autorreferências que Raquel realiza não incluem a inserção do nome “Raquel Nobre Guerra” no poema. Logo, algo que se assemelhe a “Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro, / Poeta sensacionista” (Pessoa, 1978, p. 206) não é encontrado.

Se, naquele primeiro momento, a imagem inicial da voz poética que presta saudação ao heterônimo pessoano se apresenta desmo-

ronando, há, por sua vez, nos versos que se seguem, a elaboração de uma correspondência: em “[...] eu te saúdo, Álvaro, eu te saúdo irmão / de todos os sonhos descampados da alma, eu de preto / eu de cotovelos nas coisas por dentro” (Guerra, 2021, p. 115), nota-se uma aproximação formal e imagética com os versos “[...] saúdo-te, meu irmão em Universo, / Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado” (Pessoa, 1978, p. 204). Nessa breve descrição de si, o sujeito poético nobreguerreano evidencia similitudes com Campos em dois níveis: o primeiro, no campo da estrutura poética, dada a semelhança na construção e organização dos versos dos dois poetas; segundo, no modo com ambos ressaltam partes de suas indumentárias e adereços. Ainda nesse trecho, destaca-se também a escolha do adjetivo “descampados” na especificação da relação fraternal estabelecida, termo que, nas acepções possíveis do contexto, pode designar tanto um espaço sem *campos* quanto sem *Campos*.

Desdobrando um pouco mais esse posicionamento da poeta pela via da ausência nominal de si no poema, verifica-se a inexistência do procedimento de fusão entre nomes: não se lê “Raquel de Campos”, “Raquel Whitman”, “Raquel Pessoa” ou a variação com os primeiros nomes, tal como a própria poeta realiza com Walt e Álvaro. Nesse jogo entre os poetas, no qual a monumentalidade do nome constrói e certifica a autoridade poética, compreende-se que Raquel Nobre Guerra não se vincula, não se insere, não realiza o esforço eliotiano de reivindicar o pertencimento a uma tradição por intermédio desse recurso nominal. Ao saudar Álvaro de Campos, a poeta projeta a atenção e a homenagem a um receptor; no entanto, não devemos esquecer da existência do sujeito ativo nesse ato, isto é, aquele que saúda. Pois se Fernando Pessoa, aqui desdobrado em Álvaro de Campos, é o incontornável, o irresistível, no sentido de ser aquele sobre quem não se consegue produzir resistência, a ponto de substituir o lugar originalmente ocupado por Walt Whitman no cerne do

poema, saudá-lo não significaria apenas uma tentativa de entender qual é o seu valor, mas também qual é a relevância de quem o evoca, como e quando o evoca e por que o evoca.

Próximo ao final do poema, Raquel Nobre Guerra escreve uma sequência de versos muito peculiar. Nas últimas estrofes, diversos nomes de poetas são direta ou indiretamente mencionados a partir de versos interrogativos, como se estivessem sendo questionados a um interlocutor do sujeito poético:

E os doidos de Cristo?
E as rixas do Camões?
E o Senhor Roubado e os mosaicos da Santa Senhorinha?
E o banco do Antero?
E as orações do Guerra?
E a boca do Pascoaes
enorme?
E os urinóis de Henocho?
E as grandes mãos do Almada?
E a mística do Maria Lisboa?
E o meio-dia da Dalila?
E o matadouro do Luís Miguel Nava?
E o rosto sob a água do Daniel?
E o Ruy Belo na freguesia portuguesa do Cacém?
E o Herberto tu?
E o corpo da Adília?
E a minha avó consolidada na pneumonia?
E tu Pessoa ou verdade, diálogo interno abrindo as comportas!
E o teu melhor amigo suicidado por ser gordo e não agradar à
outra!
E a outra que por vizinhos teve os Ichabods da poesia por certo!
E nós na presença de tanta perfeição engordando a morte!
E tu! Tu lâmpada de sal himalaísta que foste o último a morrer
mas morreste
afinal (Guerra, 2021, p. 122).

Existem diferenças entre as edições portuguesa e brasileira do poema “Saudação a Álvaro de Campos” publicada em *Groto sato*. Uma delas está justamente nesse trecho citado: entre os versos “E o banco do Antero?” e “E as orações do Guerra?” existe um verso que foi suprimido na edição publicada no Brasil – “E o ermo do Nobre?”, verso que alude ao poeta português António Nobre (1867-1900). Ao prestar mais atenção, nota-se que a sequência original desses versos revela algo interessante: ao se ler “E o banco do Antero? / E o ermo do Nobre? / E as orações do Guerra?”, os sobrenomes dos dois últimos poetas mencionados em sequência compõem exatamente o sobrenome da poeta: Raquel Nobre Guerra.

Em termos formais, esse longo trecho com aspecto de enumeração caótica (aproveitando aqui oportunamente a definição proposta por Leo Spitzer acerca desse recurso identificável nos poemas de Walt Whitman e de Álvaro de Campos), no qual a poeta seleciona e organiza nomes juntamente com um elemento associado a eles, pode ser classificado como uma lista. Etimologicamente, foi com esse sentido que a palavra “cânone” chegou até nós. O *kanon*, essa vara utilizada como instrumento de referência para medidas, é apresentado no poema como essa seleção de poetas cujo valor de suas obras possui tamanha relevância para um dado grupo socio-cultural que elas devem ser distintas e legitimadas como tal, em oposição ao baixo e ao vulgar. Ao estabelecer essa lista, com Luís de Camões (1524-1579-80?), Antero de Quental (1842-1891), António Nobre (1867-1900), Guerra Junqueiro (1850-1923), Teixeira de Pascoaes (1887-1952), Raul Leal, o Henocho (1886-1964), Almada Negreiros (1893-1970), António Maria Lisboa (1928-1953), Dalila Pereira da Costa (1918-2012), Luís Miguel Nava (1957-1995), Daniel Faria (1971-1999), Ruy Belo (1933-1978), Herberto Helder (1930-2015), Adí-

lia Lopes (1960) e Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)², Raquel Nobre Guerra elenca um recorte do cânone formado por diferentes movimentos estéticos e tradições poéticas, selecionado e inserido no poema a partir de um exercício de compreensão crítica dos patamares da poesia portuguesa. Como todo recorte, Raquel Nobre Guerra precisa estabelecer um referencial que sirva como critério de seleção e organização dos poetas ou obras escolhidos frente à validade e relevância que a lista por ela feita necessita ter. Esse parâmetro é explicitado na única interlocução que o sujeito poético realiza ao longo de todo esse trecho: és tu, Pessoa. Direta ou indiretamente, todos os nomes mencionados possuem alguma relação com o poeta autor de *Mensagem*: seja os poetas do passado com os quais o ortônimo-ele-mesmo estabeleceu algum diálogo ou releitura crítica; seja os contemporâneos de Pessoa, envolvidos em seus projetos (como Teixeira de Pascoaes e Sá-Carneiro, a quem o próprio Pessoa preparou e organizou o que viria a ser a publicação de sua obra); quer seja ainda os contemporâneos de Raquel Nobre Guerra, como Herberto Helder e Adília Lopes, posteriores a Pessoa, mas não isentos de reconhecer sua dimensão na poesia portuguesa, ainda que seja pela via da ironia. Por meio de seu heterônimo saudado, saúda-se não apenas mais o eco, mas aquele a quem o estabelecimento como parâmetro atribui ser o dono da voz. Além disso, elencá-lo como ponto a partir do qual as interrogações e questionamentos são feitos (inclusive o próprio Pessoa é indagado

² O autor é mencionado indiretamente por meio da referência a “teu melhor amigo suicidado por ser gordo” (Guerra, 2021, p. 122). Além disso, em um momento anterior no poema, Sá-Carneiro já havia sido mencionado, também indiretamente, por meio da expressão “Esfinge Gorda”. Tal termo é empregado por Sá-Carneiro como uma imagem com a qual o autor se autoqualifica, além de ser a expressão que encerra o poema “Aqueloutro”, escrito apenas dois meses antes de o poeta cometer suicídio.

no verso) é a forma de se problematizar, nesse jogo de cânones e tradições, o que é a poesia portuguesa antes, durante e depois de Fernando Pessoa.

À primeira vista, estranha é a menção que a poeta faz à sua avó em meio a essa lista tão específica. No entanto, a figura da avó é importante tanto na relação com Fernando Pessoa quanto no procedimento de ausência de si que Raquel realiza no poema. Em entrevista ao jornal português *Expresso*, Raquel Nobre Guerra relatou que sua avó foi a primeira pessoa a lhe falar sobre o poeta português. Aos cinco anos, quando iam juntos ao café Nicola, localizado na Praça do Rossio, também conhecida como Praça Dom Pedro IV, a avó de Raquel dizia que esse tal de Fernando Pessoa também tinha o hábito de frequentar aquele lugar. Hoje, na vida adulta, Raquel Nobre Guerra é doutora em Literatura Portuguesa, após pesquisar a categoria de “fragmento”, na obra justamente de Fernando Pessoa. No entanto, é a imagem da avó “consolidada na pneumonia” que guarda um marco poético importante para a poeta: quando a avó faleceu, em 2008, Raquel Nobre Guerra reuniu em um disquete todos os poemas que havia escrito até 2007 e colocou entre as mãos do corpo da avó no velório. Nas palavras da própria Raquel: “a disquete foi com ela. Os meus poemas até 2007 estão todos enterrados no cemitério de Caneças” (Marinho, 2015). Ao mencionar a avó entre os poetas listados e questionados, Raquel Nobre Guerra reelabora, pela via do afeto e do luto, o seu cânone particular, incluindo no rol poético aquela a quem Raquel dedicou um ato simbólico de morte, de apagamento de uma obra em devir que enterra, também com ela, parte de uma poeta.

“Irar! / Partir! / Emboscar! / Demolir!” (Guerra, 2021, p. 121): o jogo dos diálogos dentro da tradição oferece algumas dessas possibilidades. Após quase 90 anos da morte de Fernando Pessoa, saudá-lo ou saudar algum de seus heterônimos definitivamente não é um ato

ingênuo ou descompromissado. O intuito de Raquel Nobre Guerra parece ser, na verdade, não conceber Álvaro de Campos a partir de suas semelhanças – ou diferenças – com outros poetas, ou elaborar uma comparação hierárquica entre grandes e pequenos. O objetivo parece ser saudar para compreender: evocar não para estabelecer uma homenagem que carrega subjacente a si uma emulação, ou para explicitar o duelo entre poetas fortes e seus *auctoritas* em um projeto de derrubada e ascensão de mitos; mas sim propor um balanço de seu tempo, no qual, entre pesos e contrapesos dessa balança poética, Álvaro de Campos é a medida aferidora, o parâmetro, a bússola que sinaliza para Raquel Nobre Guerra onde a poesia portuguesa de seu tempo está, e como está. Se Álvaro de Campos e a poética pessoana ecoam até hoje, como ela está sendo ouvida? Nesse percurso arqueológico de filiações e linhagens, cada poeta funda para si a sua *arké* – e seja saudando-o ou desprezando-o, será este ponto de origem aquele ao qual a poeta não conseguirá ser indiferente.

RECEBIDO: 26/12/2023

APROVADO: 09/03/2024

REFERÊNCIAS

BOTHE, Pauly Ellen. *Apreciações literárias de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

ELIOT, Thomas Stearns. *Ensaio*. São Paulo: Art Editora, 1989.

FERRARI, Patricio. *Meter and Rhythm in the Poetry of Fernando Pessoa*. 2012. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

GUERRA, Raquel Nobre. *Groto sato: (mais duas marchinhas)*. Posfácio de João Barrento. 2. ed. Lisboa: Mariposa Azul, 2014.

GUERRA, Raquel Nobre. *Groto sato. Juiz de Fora*: Macondo, 2021.

MARINHO, Raquel. Esta gente que se levanta de peito e escreve para não matar ninguém. *Jornal Expresso*. 19 mar. 2015. Edição online. Disponível em: https://expresso.pt/blogues/blogue_o_poema_ensina_a_cair/2015-03-19-Esta-gente-que-se-levanta-de-peito-e-escreve-para-nao-matar-ninguem. Acesso em: 20 mai. 2024.

- PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1978.
- PESSOA, Fernando. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. Introdução, organização e notas de António Quadros. Lisboa: Publicações Europa-América, 1986.
- PESSOA, Fernando. *Poesia de Álvaro de Campos*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002.
- PESSOA, Fernando. *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM, 2009.
- PESSOA, Fernando. “Sobre Walt Whitman”. [Manuscrito fac-similado]. *Modernismo*: Arquivo Virtual da Geração de Orpheu, c2024. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/component/fabrik/details/33/3838?Itemid=>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- PESSOA, Fernando. CAMPOS, Álvaro de. Saudação a Walt Whitman (a). *Arquivo Pessoa*, (20--). Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/926>. Acesso em: 19 mai. 2024.
- PESSOA, Fernando. CAMPOS, Álvaro de. WHITMAN, Walt. *Saudação a Walt Whitman / Canto de Mim Mesmo*. Apresentação de Jerónimo Pizarro. Coleção Livros Amarelos. Lisboa: Guerra e Paz, 2017.
- PIZARRO, Jerónimo; BARRETO, João. O caderno 20 ou o caderno das Visões, *Pessoa Plural*, Rhode Island, Spring, n. 5, p. 103-167, 2014.

MINICURRÍCULO

JORGE MIRANDA é doutorando em Estudos Literários – Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (POSLIT) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pesquisa sobre o dizível e o indizível na obra do poeta e ensaísta Marcos Siscar. É integrante do Polo de Pesquisa em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea nessa mesma instituição.